

98. Os profissionais de saúde foram os que mais sofreram

Rosineide Narciso

Me chamo Rosineide Narciso, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, tenho 50 anos, sou acadêmica do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, na Área de Ciências Exatas, pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Há 31 anos moro em Oiapoque, trabalho na área da saúde, sou Agente Comunitária de Saúde (ACS). No final de fevereiro, quando encerrou as aulas na UNIFAP, voltei para minha rotina de trabalho. Em março trabalhei apenas duas semanas, tive que parar pois logo a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez a recomendação do isolamento social.

Março foi o preparação para a chegada da COVID-19 em nosso município, fizemos um preparação em Clevelândia do Norte para o enfrentamento da COVID-19 com palestras e ações. Tivemos a orientação de como trabalhar com essa doença, uma doença que se alastrava pelo mundo a fora, mas já haviam casos no Brasil e não ia demorar muito para chegar no Amapá e em nosso município. Os ACS aprenderam a lidar com o seu público, a fazer as visitas não mais como antigamente, quando chegávamos com toda a liberdade, entrávamos nas casas e conversávamos, não temos mais esse contato! Agora é somente “Bom dia! Como você está? Você está bem?”, passei a trabalhar assim.

Trabalhei duas semanas orientando meus pacientes hipertensos, diabéticos e grávidas a ficarem em casa, em quarentena, para não ter contato com o vírus. Comecei a fazer a orientação dentro de casa para meus filhos, dizia para quando saírem sempre usarem máscaras, não lanchar fora de casa, chegar em casa e lavar as mãos... Logo depois fiquei de quarentena!

Fiquei em quarentena e não saí de casa, só quando foi necessário para fazer as compras, comprava muito para não precisar ir mais ao mercantil. Ia na padaria uma vez por semana e comprava muito pão, deixava na geladeira para conservar, coisa que eu nunca tinha feito! Um dos meus filhos, que já é casado, foi com sua esposa para a Aldeia Kumarumã. Minha outra filha foi para o terreno junto com o seu pai, a outra filha ficou em sua casa, isolada, e eu fiquei isolada em minha casa.

Depois de um tempo com tudo isso acontecendo tive ansiedade, insônia e quase um início de depressão. Apreendi a me reinventar na minha própria casa. No mês de junho fiquei sabendo que meu filho tinha pegado o vírus na aldeia, fiquei muito preocupada. Ele apresentou sete dias de febre e tosse, ele tomava remédios farmacêuticos e chás caseiros que ajudaram bastante em sua recuperação. Depois que meu filho adoeceu fiquei com o psicológico mexido, então pensei em voltar a trabalhar, mas como faço parte do grupo de risco, sou hipertensa, fiquei com medo, porque a maioria das minhas colegas de trabalho pegaram COVID-19.

Os parentes na aldeia são acostumados a se preocuparem uns com os outros, porém, nesse tempo de pandemia, não conseguiram muito ter um isolamento adequado. Acho que foi por causa da união uns com os outros: os parentes adoecem e os outros vão visitá-los, os parentes morrem e todos vão ao velório. Então não teve aquela restrição, aquele isolamento. Talvez, não sei, se tivesse feito o isolamento não tivesse muitas mortes de parentes na nossa região, mas só Deus mesmo!

Fico muito triste pelos parentes que perderam os entes queridos, essa pandemia me fez ter vagas lembranças de quando surgiu o sarampo e de como chegou nas aldeias, muitos parentes naquela época se isolaram, se refugiaram, também perdemos muitos parentes naquele tempo.

Tive contato com pessoas que contraíram o vírus, fizeram teste e deu positivo. Eu sempre fiz o teste e sempre deu negativo, mas aqui em Oiapoque, a cada oito casas que eu faço visitas, duas casas ou mais contraíram o vírus ou estão com o vírus. Faço teste a cada sete dias para saber se estou bem, sem o vírus.

Nós, povos indígenas, tivemos impactos com o isolamento social, muitos são produtores de farinha e trazem para vender na cidade, mas não podiam fazer isso. Outros indígenas que moram em Oiapoque, seja por trabalho ou outro motivo, tiveram que voltar para sua aldeia, seja para ficar em isolamento ou por não ter condições financeiras de se manter na cidade. Esse impacto afetou toda a sociedade brasileira, não só nós indígenas.

Os profissionais de saúde foram os que mais sofreram e ainda sofrem nessa pandemia. Perdemos médicos, enfermeiros, agentes de saúde, técnicos... mas eu estou aqui firme e forte! Eu acredito em dias melhores .

Oiapoque, Amapá, Brasil

25 de Agosto de 2020